
A INCORPORAÇÃO DA SOLIDARIEDADE SOCIAL E IDENTIDADE DO ‘EU’ NA “TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO”

THE INCORPORATION OF SOCIAL SOLIDARITY AND ‘SELF’ IDENTITY IN THE “THEORY OF COMMUNICATIVE ACTION”

LA INCORPORACIÓN DE LA SOLIDARIDAD SOCIAL Y LA IDENTIDAD DEL ‘YO’ EN LA “TEORÍA DE LA ACCIÓN COMUNICATIVA”

Marco Bettine¹

Resumo

A proposta deste artigo é reconstruir os caminhos teóricos que levaram Habermas na “Teoria do Agir Comunicativo”, a fim de incorporar as teorias de Mead e Durkheim, particularmente quando esses possibilitam uma mediação entre a solidariedade fundamentada nos ritos e as normas de identidades viabilizadas pela mediação por símbolos. Para desenvolver esta tese, Habermas utilizará a teoria durkheimiana sobre a evolução do direito, inserindo-a no contexto de transformação do rito para linguagem gramatical. Em Mead, Habermas vai se apoiar em uma construção da ideia de identidade e de identificação. Ao final do artigo, apresentam-se as estruturas teóricas utilizadas por Habermas para unir Durkheim e Mead na TAC. Pode-se destacar o avanço das instituições, a conquista de autonomia e a construção das ações voltadas ao entendimento.

Palavras-Chave: Habermas; Ação Comunicativa; Mead; Durkheim.

Abstract

The purpose of this article is to reconstruct the theoretical paths that led Habermas (2012, v.1 and v.2) in the “Theory of Communicative Action” to incorporate the theories of Mead and Durkheim. Particularly when these enable a mediation between solidarity based on rites and the norms of identities made possible by mediation by symbols. To develop this thesis, Habermas will use Durkheimian theory on the evolution of law, inserting it in the context of transforming the rite into grammatical language. In Mead, Habermas will rely on an ethics of discourse for the construction of the idea of identity and identification. At the end of the article, the theoretical structures used by Habermas to unite Durkheim and Mead in TAC are presented. It is worth mentioning the advancement of institutions, the achievement of autonomy and the construction of actions aimed at understanding.

¹ Professor Associado da Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP). Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP). Desenvolve pesquisas na área Interdisciplinar, com ênfase em Sociais e Humanidades. Professor do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política. Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (ANINTERSH).

Keywords: Habermas; Communicative Action; Mead; Durkheim.

Resumen

El propósito de este artículo es reconstruir los caminos teóricos que llevaron a Habermas (2012, v.1 y v.2) en la “Teoría del Actuar Comunicativo” a incorporar las teorías de Mead y Durkheim. Sobre todo cuando posibilitan una mediación entre la solidaridad basada en ritos y las normas de las identidades posibilitadas por la mediación de los símbolos. Para desarrollar esta tesis, Habermas utilizará la teoría durkheimiana sobre la evolución del derecho, insertándola en el contexto de la transformación del rito en lenguaje gramatical. En Mead, Habermas se apoyará en una construcción de la idea de identidad e identificación. Al final del artículo, se presentan las estructuras teóricas utilizadas por Habermas para unir Durkheim y Mead en TAC. Cabe mencionar el avance de las instituciones, el logro de la autonomía y la construcción de acciones orientadas al entendimiento.

Palabras clave: Habermas; Acción comunicativa; Aguamiel; Durkheim.

INTRODUÇÃO

Thomas Kuhn (1978; 1989) no livro a “Estrutura das Revoluções Científicas”, de 1962, e nos ensaios “A Tensão Essencial”, de 1977, discute de maneira profunda o conceito paradigma, bem como Paul Feyerabend (2007, 2010), em uma perspectiva denominada de ‘contra prescritiva’ no livro, com o título bem sugestivo, “Contra o Método” e no provocativo “Adeus à Razão”. Logo, discutem Kuhn e Feyerabend a noção de paradigma.

Na filosofia da ciência, um paradigma está relacionado com a *episteme*, remetendo a um modelo relacionado com o mundo exemplar das ideias, do qual faz parte o mundo sensível. Paradigma, para os autores mencionados anteriormente, são modelos que orientam o desenvolvimento das pesquisas, com isso, pensamentos que buscam soluções para problemas suscitados pelo próprio paradigma. Enfim, paradigma é um princípio, uma teoria ou um conhecimento originado da pesquisa em um campo científico, portanto, uma referência inicial que servirá de modelo para novas pesquisas. Ao propor uma mudança de paradigma, sem esquecer das armadilhas do aprisionamento paradigmático, a teoria habermasiana possibilita a transformação do agir teleológico para o comunicativo.

Tendo em vista o conceito de paradigma (Kuhn, 1978; 1989; e Feyerabend 2007; 2010) e a virada linguística habermasiana, o objetivo deste ensaio é recuperar os caminhos epistêmicos habermasiano na “Teoria do Agir Comunicativo” (2012, v.1 e v.2) para incorporar as teorias de Mead - identidade do ‘eu’ - e Durkheim -

solidariedade e consciência coletiva.

Particularmente, esse ensaio vai trabalhar com a perspectiva meadiana e durkheimiana a partir da mediação entre a solidariedade fundamentada nos ritos e as normas de identidades viabilizadas pela mediação por símbolos. Para desenvolver a tese, Habermas utilizará a teoria durkheimiana sobre a evolução do direito, inserindo-a no contexto de transformação do rito para linguagem gramatical. Enquanto com Mead, a teoria habermasiana vai se apoiar em uma construção da ideia de identidade e de identificação. Ao final do artigo, apresentam-se as estruturas teóricas utilizadas por Habermas para unir Durkheim e Mead na TAC. Destaca-se o avanço das instituições, a conquista de autonomia e a construção das ações voltadas ao entendimento.

Para o método ou caminho da escrita desse ensaio, busca-se interpretar a “Teoria do Agir Comunicativo” (TAC) sob olhar da passagem da ação teleológica para o agir comunicativo, principalmente acerca dos capítulos 3, 4 e 5 da TAC, comparando e analisando as teorias científicas incorporadas na TAC e suas possibilidades epistêmicas.

Nesse sentido, a TAC retoma algumas discussões do primeiro volume, principalmente a forma como a teoria weberiana foi recepcionada pela teoria crítica e como essa possibilitou uma interpretação da racionalidade a partir da reificação da consciência. Essa forma de analisar a consciência é parte de uma tradição alemã cunhada por Kant e Hegel e adotada por Marx, Lukács e a Teoria Crítica. Esta forma de compreender o mundo é pautada por ações - teleológicas - orientadas por fins. Este enfrentamento entre, de um lado, o agir estratégico totalizante e, por outro lado, as possibilidades de solidariedade e relações intersubjetivas potencializou a incorporação de conceitos de Mead (Nchaft, 2014; Haddad, 2003; Mead, 1967) e Durkheim (1996, 2016) para a constituição de uma ação comunicativa que se daria no Mundo da Vida. Em resumo, o agir estratégico - ações orientadas a fins - e o agir comunicativo - ações orientadas ao entendimento - constituiriam a dualidade Sistema e Mundo da Vida, onde o segundo seria a estrutura elementar da Sociedade sendo fruto de duas tradições filosóficas: idealismo alemão e estruturalismo francês.

Esse ensaio está dividido em quatro itens, sendo o último, as considerações finais, as quais retomarão o objetivo principal do texto. Primeiro, será discutida a teoria da comunicação na sociologia e a incorporação de Durkheim e Mead na TAC.

Segundo, serão abordadas as regras sociais e a transformação do sagrado e profano no direito normativo moderno e, após, a racionalidade do sagrado e sua fundamentação para ratificar a dualidade da Sociedade habermasiana - Sistemas e Mundo da Vida.

CIÊNCIAS SOCIAIS E TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Na TAC, Mead e Durkheim são tratados como clássicos. Um dos motivos disso é por eles não adotarem a tradição alemã e serem responsáveis por uma superação do paradigma teleológico (Habermas, 2012 v.1 e v.2).

Mead que fundamenta a sociologia numa teoria da comunicação, e Durkheim, que elabora uma teoria da solidariedade social – capaz de correlacionar a integração social e a integração pelo sistema – elaboraram conceitos capazes de absorver a teoria weberiana da racionalização e de liberá-la até mesmo das aporias oriundas da filosofia da consciência (Habermas, 2012, v.2, p.4, 2012).

Para Habermas, autores como Adorno tangenciaram a ideia de comunicação ao trabalhar com conceitos de liberdade e de conciliação, entretanto, necessitam de um aporte teórico diferente da dialética negativa, portanto, a proposta é a apropriação desses conceitos pela racionalidade comunicativa.

Tal utopia visa à reconstrução de uma intersubjetividade invulnerada que abre a possibilidade do entendimento não coagido dos indivíduos entre si e da identidade de um indivíduo que se entende livremente consigo mesmo (Habermas, 2012, v.2, p.4).

A relação - ciência de um lado e objeto de outro - era base da filosofia da consciência, tema debatido no primeiro capítulo do Volume 1 da TAC (Habermas, 2012, v.1). Essa relação teve fortes críticas nos anos 30 e 40, principalmente com dois movimentos filosóficos de grande vulto - a filosofia da linguagem analítica e a psicologia do comportamento. Em linhas gerais, Habermas acredita que esses movimentos desistem da busca de um acesso “direto aos fenômenos da consciência” (Habermas, 2012, v.2, p.6), substituindo análises por expressões linguísticas e comportamentos observáveis, “abertos a um exame intersubjetivo” (Habermas, 2012, v.2, p.6).

O primeiro parágrafo do volume 2 da TAC demonstra claramente a intenção de Habermas em colocar Mead no centro do debate da virada filosófica e superação da filosofia da consciência. Mead, juntamente com Wittgenstein (2005), foram os autores

que incorporaram a filosofia da linguagem e a psicologia comportamental nos seus estudos, tema debatido na “Primeira consideração intermediária: agir social, atividade teológica e comunicação”².

Seguindo a apropriação habermasiana de Mead, as ações não se referem a um organismo ou uma pessoa individual que reagem frente aos estímulos do entorno social. Numa interação entre esses organismos, focaliza-se a comunicação linguística se detendo na integração social dos indivíduos e na socialização de sujeitos capazes de ação. Em última análise, Mead transforma a palavra reação em interação. Essa virada possibilita demonstrar a centralidade do agir comunicativo, pois a linguagem adquire um papel primordial que vai além do processo de entendimento - “a linguagem assume o papel de coordenação das atividades orientadas por fins de diferentes sujeitos da ação, e o papel de um meio da própria socialização dos sujeitos da ação” (Habermas, 2012, v.2, p.10).

Habermas descreve a ideia básica de Mead da seguinte forma: na interação mediada por gestos, os trejeitos do primeiro organismo adquirem um significado para o segundo, que reage ao gesto; e tal reação comportamental revela o modo como um *interpreta* o gesto do outro” (Habermas, 2012, v.2, p.22). Mead necessitaria de uma atualização que seria uma leitura de suas categorias a partir dos referenciais da semântica intencional e dos atos de fala, justamente o longo debate feito no capítulo I da TAC, particularmente o item quatro “A problemática da compreensão de sentido nas ciências sociais (p.196-262)”, incorporando autores como Searle, Austin e Apel.

Com isso, os conceitos da teoria da linguagem, que na visão habermasiana faltam em Mead, são trazidos à discussão para dar base a uma razão comunicativa. Mead explicaria a interação mediada por símbolos e papéis sociais, portanto, tal modelo possibilitaria entender a interação como meio de comunicação e expectativa de comportamento. Como meio de comunicação possibilitaria compreender os usos simbólicos, então, esses símbolos constituiriam uma base capaz de controlar o comportamento.

Para Habermas, a interação mediada por gestos e, posteriormente, por símbolos implica regras e convenções sociais, mas não é só isso. Habermas vai utilizar a análise wittgensteiniana para o conceito de regras, ampliando-o para análise do significado da validade intersubjetiva dessas regras e a possibilidade de o sujeito

² Ver p.473, V. 1, TAC.

frente à interação dizer sim ou não. A possibilidade do não, mesmo a uma regra, é importante para não cair no mecanicismo do direito e da moral, saindo para uma estrutura e visão de sujeito pós-convencional de Kohlberg (1963; 1976), que seria aquele que compreende as regras, sabe de seu significado, porém, age de acordo com valores universais gerais. Mead avança, mas considera um sujeito não emancipado, um sujeito pautado nas convenções sociais, por isso, Wittgenstein e Kohlberg dão suporte a Habermas para essa interpretação mais profunda, afirmando que é possível se apropriar de Mead, relacionando-o com os três aspectos essenciais da linguagem: meio do entendimento, meio da coordenação da ação e meio da socialização dos indivíduos. “A compreensão pós-tradicional das normas se entrelaça com um conceito de racionalidade comunicativa” (Habermas, v.2, 2012, p.75), que demonstra que as estruturas do mundo da vida se diferenciam de acordo com interesses ou divergência nesses interesses.

Mead passa abruptamente do *agir regulado por símbolos* para o *agir regulado por normas*. Ele se interessa pela construção complementar do mundo subjetivo e do mundo social, como também, pela gênese do si mesmo e da sociedade, a partir dos contextos de uma interação mediada pela linguagem e regida por normas. Isso significa que ele acompanha o desenvolvimento da interação simbólica apenas na linha que desemboca no *agir* regulado por normas, descuidando da linha que leva a uma *comunicação* linguística diferenciada em termos proposicionais (Habermas, v.2, 2012, p.45, grifos do autor).

Somente na teoria do agir comunicativo se pode fundamentar a interação mediana, a partir da compreensão dos argumentos e das pretensões de validade. Essas devem se relacionar pela racionalidade, não como condicionamento ou adaptação, mas sim por meio da vinculação da vontade dos sujeitos da comunicação. Nessa afirmação, pressupõem-se que os participantes da comunicação, ao falar, devem se referir a algo no mundo subjetivo, social e objetivo. “Afim a linguagem só pode funcionar como mecanismo de coordenação quando estes mundos se constituem e se diferenciam, ao menos em princípio” (Habermas, 2012, v.2, p.51).

A teoria do agir comunicativo habermasiana erige uma edificação teórica inovadora, reconstruindo ideias de pensadores como Weber, Mead, Durkheim e Parsons: (a) Com Weber o debate se inicia no capítulo II da TAC “A teoria da racionalização de Max Weber”, terminando nas discussões do Capítulo IV, particularmente, no item 2 “A crítica da razão instrumental”. (b) Durkheim é citado já no capítulo I, particularmente no item 2 “Alguns traços da compreensão de mundo

mítica e moderna”, posteriormente, no Capítulo III “Primeira consideração intermediária: agir social, atividade teleológica e comunicação”, por fim no item 2 do capítulo IV (A crítica da razão instrumental). (c) A incorporação da teoria mediana na TAC tem o início no capítulo VI e termina no capítulo V “Mudança de paradigma em Mead e Durkheim: da atividade orientada por fins ao agir comunicativo”.

Este é o pano de fundo para incorporação dos autores aqui elencados - em cada um deles há um árduo trabalho teórico proposto por Habermas, para constituir uma razão comunicativa que se sobrepõem na razão instrumental, constituindo um Sistema autopoietico. Mead e Durkheim, cada um a partir de suas análises, dariam suporte teórico para a interação simbólica no Mundo da Vida e esse espaço social é como armazém do saber e base para o direito moderno com sua fundamentação na idealidade sagrado/profano.

A AUTORIDADE DO SAGRADO E O PANO DE FUNDO NORMATIVO DO AGIR COMUNICATIVO

Para trazer a discussão da interação mediada pela linguagem, Habermas vai propor uma releitura da teoria da religião de Durkheim. Dessa forma, a TAC reconstrói os passos de Mead, a partir da consciência coletiva durkheimiana. Mead adota uma raiz pré-linguística com caráter simbólico. Esse ensaio adota a perspectiva que, ao discutir as normas sociais, Mead possibilita uma releitura da teoria dos Sistemas de Parsons. O conjunto epistêmico - consciência coletiva, raiz pré-linguística, normas interacionais - sustenta a incorporação da teoria dos Sistemas Sociais parsoniano.

Parsons, no livro “Teoria Sociológica e Sociedade Moderna”, de 1967, oferece uma abordagem original sobre Durkheim - sempre detratado como positivista. O autor americano trabalha a teoria da religião para compreender a validade normativa de instituições e valores. Para Habermas, no “As formas elementares da vida religiosa”, de 1912, Durkheim desenvolve a determinação do fato moral, onde persegue os motivos que levam as pessoas a obedecerem às regras morais. Para Durkheim, a validade das regras morais está na sua força e no seu caráter vinculante de sanções caso haja infrações, entendendo sanções amplamente, um olhar, um gesto, uma repreensão pela linguagem, até chegar aos cânones religiosos ou a legislação do Estado. A interpretação de Durkheim está alinhada à tradição kantiana entre dever e inclinação, isto é, os mandamentos morais exercem uma peculiar coerção sobre os

indivíduos.

Estes são os elementos basilares para Durkheim perseguir seu projeto de compreender a forma mais elementar de um grupo social constituir o sagrado, em outras palavras, as formas elementares da vida religiosa. O pensador francês inicia sua trajetória fazendo uma analogia estrutural entre o sagrado e a moral, Habermas afirma que Durkheim conclui que há uma base sagrada da moral e por isso, propõe como tese “que as regras morais extraem sua força vinculante da esfera do sagrado” (Habermas, 2012, v.2, p.93). Durkheim interpreta que o respeito às regras morais está ancorado no sagrado, por isso revelam ao indivíduo um sentimento de culpa e vergonha. Durkheim está debatendo com Spencer (ligado a corrente darwinista) particularmente seu livro “A Educação Intelectual, Moral e Física”, de 1863, que afirmava que os castigos escolares são formas de aprendizado social. A teoria durkheimiana afirma que o castigo é tão somente uma mecânica de ação que tem fundamento em uma obrigação moral.

Nesse ponto da TAC Habermas, ao seu modo, ofereceu aos leitores: (a) a interpretação de Durkheim; (b) a função na teoria do agir comunicativo; (c) a importância do sagrado e do valor social; e, como (a), (b), e (c) permitem construir a forma que a sociedade concebe os consensos normativos - lembramos que a teoria do agir comunicativo preza pela comunicação de, pelo menos, dois sujeitos livres de coerções em busca de entendimento -, tomando como base práticas rituais. Para Habermas, “as convicções religiosas já estão vertidas em linguagem e constituem a posse comum de uma comunidade religiosa, cujos membros se certificam de sua comunhão nas ações de culto” (Habermas, 2012, v.2, p.98). As ações rituais permitem descortinar o respeito ao sagrado como um consenso normativo, pois as sociedades renovam em tempos regulares suas obrigações morais e essa renovação só pode ocorrer por meio de reuniões, agremiações e congregações, nas quais os indivíduos de uma coletividade fortalecem seu pertencimento e sentimentos comuns, “Por isso, as cerimônias civis não se distinguem propriamente das cerimônias religiosas” (Habermas, v.2, 2012, p.99). Habermas pode desenvolver seus fundamentos do consenso e entendimento como formas elementares do agir humano, onde o consenso se renova para a sociedade garantir sua unidade e personalidade. A categoria consciência coletiva designa a totalidade das representações impostas pela sociedade e compartilhadas por todos os seus membros.

Habermas assume que a consciência coletiva funciona “como um consenso mediante o qual se forma a identidade de uma coletividade correspondente” (Habermas, 2012, v.2, p.104). Para Habermas, Durkheim não deixa dúvidas sobre o papel fundamental da religião na constituição das instituições. Durkheim “pretende dizer apenas que a validade normativa possui bases morais e que a moral, por seu turno, possui raízes no sagrado” (Habermas, 2012, v.2, p.104). Contudo, Habermas vai perceber uma relação com a teoria de sistemas de Luhmann³ e Parsons, pois no processo de diferenciação se perde o laço ritual de determinada ação moral. A crítica de Parsons ao Durkheim, que é assumida por Habermas, refere-se à falta de uma distinção entre o nível dos valores culturais e o nível dos valores institucionalizados.

O ponto mais interessante nessa relação entre consenso normativo, cosmovisão e sistema de instituições reside no fato de que a ligação se estabelece mediante os canais da comunicação linguística. Enquanto as ações rituais permanecem no nível pré-linguístico, as cosmovisões religiosas ficam ligadas ao agir comunicativo (Habermas, 2012, v.2, p.105).

Nesta passagem, Habermas percebe uma possibilidade de propor uma distinção para esclarecer o processo de apropriação simbólica e a forma de identificação do sujeito com os símbolos, trazendo Mead ao debate. Habermas aponta que os dois autores (Durkheim e Mead) possuem um mesmo conceito para identidade, “como uma estrutura resultante das expectativas de comportamento socialmente generalizadas” (Habermas, v.2, p.109). Porém, a grande virada é que Mead afirma que a formação da identidade pressupõe a comunicação linguística, sendo esse o processo de socialização fundamental, diminuindo a importância das estruturas pré-linguísticas, como o ritual. Neste ponto, mais do que em qualquer outro, Durkheim fica preso aos conceitos materialistas da filosofia da consciência. Habermas propõe uma virada linguística e, a partir das discussões anteriores, vai demonstrar os motivos que o leva a rever o posicionamento da construção da linguagem por estruturas pré-linguísticas como um processo de aprendizado horizontal. De acordo com a teoria do agir comunicativo, as estruturas da linguagem se sedimentam nas estruturas formais da ação de fala e não em uma fase pré-linguística.

Em Mead, Habermas busca a ideia original de que os processos de socialização se realizam mediante interação que passa pela linguagem. O processo

³ Ler: “Discursos Filosóficos da Modernidade”, principalmente p. 511-534, Jürgen Habermas, 2002.

difuso da linguagem adotado por Habermas diferencia do processo horizontal da criação da linguagem de Durkheim onde o ritual seria a base originária da linguagem. Para Habermas, quando os atos comunicativos assumem a figura da fala gramatical, os símbolos vão perpassar todos os componentes do Mundo da Vida. As obrigações, as expressões, o excuro, as cognições assumem novas funções: o entendimento - que estaria presente no formato pré-linguístico - alia-se à função de coordenação da ação e da socialização dos sujeitos.

Sob o aspecto do entendimento, os atos comunicativos servem para a *mediação de um saber armazenado na cultura*: a tradição cultural se reproduz por meio do 'agir orientado pelo entendimento'. Do ponto de vista da coordenação da ação, os mesmos atos comunicativos servem para o *cumprimento de normas*, adequado ao respectivo contexto, visto que a integração social também se realiza por esse meio. Sob o aspecto da socialização, os atos comunicativos servem para o estabelecimento de controles internos do comportamento e para a formação de estruturas de personalidade. (Habermas, 2012, v.2 p.118, grifos do autor).

A seguir, Habermas vai propor uma relação entre Mead e Durkheim, fazendo a seguinte questão: "*qual foi a direção seguida pelas constelações iniciais* que tinham sido determinantes para o agir segundo normas?" (Habermas, 2012, v.2, p.141, grifos do autor). A partir da deontologia, a TAC fará a mediação entre a solidariedade fundamentada nos ritos e as normas de identidades viabilizadas pelo agir comunicativo. Para isso, Habermas vai construir uma relação evolutiva entre o sagrado e a mediação por símbolos, culminando nas normas.

A ESTRUTURA RACIONAL DO SAGRADO

A hipótese habermasiana é que o rito tinha uma função integradora, ocorrendo a substituição do rito pelo agir comunicativo, onde a autoridade do sagrado é substituída pela autoridade do entendimento, possibilitando o agir comunicativo se desvincular dos contextos normativos construídos pelo sagrado. "O desacoplamento e o desencantamento do domínio sagrado se realizam mediante uma '*linguistificação do acordo normativo básico, garantido ritualmente*'" (Habermas, 2012, v.2, p.141, grifos do autor). A linguagem gramatical toma a frente nas formas de explicar as regras normativas e sua relação com o sagrado.

Para desenvolver essa tese, Habermas utilizará a teoria durkheimiana sobre a

evolução do direito, inserindo-o no contexto de transformação do rito para linguagem gramatical. Com Mead, Habermas vai se apoiar na formação do 'eu' (self) para construir a ideia de sujeito que tem o potencial de fala e traduzir as regras morais, de modo a aceitá-las, rejeitá-las e transformá-las, logo, potenciais não explorados por Durkheim. Mead vai auxiliar na construção da ideia de identidade e de identificação.

Os avanços que Durkheim propõe na "Da Divisão Social do Trabalho" permitem compreender o Estado desvinculado do sagrado, tendo uma articulação própria. "Em sociedades diferenciadas, a consciência coletiva está incorporada ao Estado. Este tem que se preocupar, por sua própria iniciativa, com a legitimidade do poder que monopoliza" (Habermas, 2012, v.2, p.149). O desenvolvimento do Estado moderno se caracteriza por não se apoiar nas bases sagradas da solidariedade mecânica, em estruturas menos organizadas, onde a questão da sanção era muito forte. O Estado moderno se consolida a partir de uma vontade comum formada comunicativamente na publicidade política esclarecida pelo discurso. Durkheim demonstra sua crença no Estado democrático, então, para ele, a democracia aparece como forma política mediante a qual a sociedade chega na consciência mais pura de si mesma.

O desenvolvimento do Estado promove uma diminuição da consciência coletiva, permitindo a passagem da solidariedade mecânica para orgânica. Nesse processo, a ideia de indivíduo ganha forma, já que nas outras estruturas de organização o indivíduo era anulado pelas forças sobrenaturais que regiam o cotidiano do agrupamento. Com o Estado moderno, nasce o individualismo moderno. Nesse sentido, é estranho afirmar que Durkheim percebeu uma virada na religião, no sagrado, onde o indivíduo começa a ser cultuado, surgindo, enfim, um processo de diferenciação do outro. Esse processo se mede pela diferenciação de identidades peculiares e pela intensificação da autonomia pessoal. O fundamento da personalidade para Durkheim é a possibilidade do agir, portanto, o indivíduo como fonte autônoma do agir.

Quando o indivíduo se descola parcialmente do Estado, já que na sua estrutura o Estado moderno promove o desenvolvimento da personalidade e a autonomia do agir, ocorre um processo de valorização ou uma potencialidade do agir orientado ao entendimento. Este mesmo processo de entendimento do mundo leva a uma racionalização do Mundo da Vida - processo discutido em Weber ao analisar a religião protestante e o espírito do capitalismo. Habermas vai afirmar que:

O potencial de racionalização do agir orientado pelo entendimento pode ser liberado e utilizado na racionalização dos mundos da vida de grupos sociais, do mesmo modo que a linguagem pode preencher as funções de entendimento, de coordenação da ação e da socialização de indivíduos, transformando-se, por esse caminho, num meio pelo qual se realiza a reprodução cultural, a integração social e a socialização (Habermas, 2012, v.2, p.158).

Para Habermas, quando se analisa a evolução social desta maneira é possível relacionar Mead e Durkheim, a partir dos seguintes temas: (i) a importância da construção do sujeito comunicativo pelo processo de institucionalização, democracia; (ii) a importância do agir regido por normas, como mediador linguístico, para a racionalização do mundo da vida.

No processo de mudança da fonte normativa, Habermas esclarece que a base de validade das normas de ação se modifica à medida que o consenso mediado pela comunicação passa a depender de argumentos, permitindo que o sagrado perca a sua autoridade moral, ao mesmo tempo em que o saber cultural vai assumindo o espaço como coordenador das ações comunicativas. Esse processo avança em duas áreas do saber, a ciência e a arte, por conseguirem sair da subordinação do sagrado e da religião, logo, (i) a ciência assegura sua objetividade e um espaço de discussão sem fronteiras; (ii) a arte - e o artista - adquire um espaço ilimitado para a criatividade, liberando-a das pressões do sagrado.

A forma que Habermas une Durkheim à Mead, no contexto do avanço das instituições e da conquista de autonomia pelo indivíduo em um processo de racionalização do Mundo da Vida, ao mesmo tempo, da construção das ações voltadas ao entendimento, substituindo o agir por normas para o agir comunicativo, dá-se a entender que somente Mead foi capaz de construir teoricamente uma teoria do *self* como fruto de uma racionalização comunicativa, isto é, “como consequência da liberação do potencial de racionalidade contida no agir comunicativo. Num esboço de crítica à ética kantiana” (Habermas, 2012, v.2, p.168). Para acender o debate meadiano com Kant, Habermas buscará demonstrar os pressupostos teóricos kantianos na validade moral, para depois, construir o argumento com o auxílio das discussões meadianas.

Kant afirma que as normas morais têm um caráter deôntico⁴, isto é, possuem um sentido de universalidade. Mead se apropria do caráter deôntico para reconstruir

⁴ A lógica deôntica é um tipo de lógica modal usada para analisar formalmente as normas ou as proposições que tratam acerca das normas.

o teor normalista kantiano, buscando o espaço da sociabilidade como forma das pessoas construírem sua forma de ser. Habermas se apropria de Mead da seguinte forma: a sociabilidade é a causa da universalidade dos juízos éticos e a base em que se assenta a afirmação amplamente difundida segundo a qual a voz de todos é a voz geral, portanto, a tradução disso seria que todo aquele que julga racionalmente a situação “pode também dar seu *assentimento*” (Habermas, 2012, v.2, p.170, grifos do autor). Mead modifica o argumento kantiano ao “construir uma teoria da sociedade que tenta explicar por que as normas morais podem pretender validade social” (Habermas, 2012, v.2, p. 170-171).

Mead utiliza a ideia da formação moral e a capacidade de julgamento com a intenção de substituir o imperativo categórico por um procedimento de formação discursiva da vontade. Habermas une Mead e Durkheim neste discurso de superação da ética kantiana, ao colocar a possibilidade que a validação das normas via comunicação linguística permite que uma norma que não atenda à coletividade seja extinta. Habermas simplifica todas as categorias deônticas kantianas a partir de sua interpretação de Mead e Durkheim.

À proposição da linguagem se impõem como princípio da socialização, as condições da sociabilidade convergem com condições da intersubjetividade gerada comunicativamente. Ao mesmo tempo, a autoridade do sagrado é transportada para a ação vinculante de pretensões de validade normativas, cujo resgate é discursivo. Por este caminho, o conceito de validade deôntica é purificado de acréscimos empíricos; e no final das contas a validade de uma norma significa apenas que ela *poderia* ser aceita com boas razões por todos os interessados (Habermas, v.2, 2012, p.171, grifos do autor).

Mead e Durkheim determinam a identidade dos indivíduos, relacionando-a com a identidade do grupo a que pertencem. Também, a unidade da coletividade forma o ponto de referência para a comunidade de todos os membros. Isto possibilita a Habermas repensar o conceito de identidade a partir de uma teoria da linguagem, levando em conta o agir comunicativo e a formação moral pós-convencional. O autor alemão discute o processo filogenético, apropriando-se de Mead, para a formação moral e linguística do sujeito, juntamente com a formação da identidade, onde Habermas vai incorporar estas discussões da forma que se segue:

A criança forma uma identidade na medida em que se constitui para ela um *mundo social*, ao qual pertence, e um *mundo subjetivo*, complementar ao primeiro; tal mundo subjetivo, que ela pode acessar de modo privilegiado, é delimitado em relação ao mundo exterior dos fatos e das normas. A relação entre esses dois mundos se forma no intercâmbio entre os dois componentes

da identidade, isto é, *I* e o *Me*. O primeiro componente representa inicialmente a subjetividade da natureza de carências que se manifesta de modo expressivo; ao passo que a segunda representa o caráter, cunhado mediante papéis sociais. Estes dois conceitos do eu correspondem, de certo modo, às instâncias do “*id*” e do “*superego*” centrais no modelo estrutural freudiano (Habermas, 2012, v.2, p.182, grifos do autor).

A partir dessa sistematização, Habermas vai explicar (a) a noção do “eu” nos atos de fala; (b) a estrutura da intersubjetividade linguística; (c) os papéis da comunicação. Os itens (a), (b) e (c) possibilitam construir a ideia de “identidade-eu”, capacitando a pessoa a agir autonomamente.

Para fins deste ensaio, a utopia de uma comunidade de comunicação ideal pode ser explicada por um agir com enfoque autocrítico. A identidade constituiria uma característica complexa que as pessoas podem adquirir com uma certa idade, e nem todas são obrigadas a tê-la, porém, quando a adquirem, os sujeitos “podem se libertar da influência dos outros” (Habermas, 2012, v.2, p.185).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habermas ao propor a ideia durkheimiana da transformação do sagrado em linguagem, que pode ser detectada na racionalização das cosmovisões, na universalização do direito e da moral e na progressiva individuação dos sujeitos, afirma que esses pressupostos dão base para o conceito “identidade-eu”, permitindo que esses processos sejam os alicerces da prática comunicativa cotidiana e do agir comunicativo. A partir do momento que o agir comunicativo vai ganhando forma, a linguagem como meio assume as tarefas de entendimento, em outras palavras, a linguagem amplia sua ação para além da transmissão de algo no mundo, assumindo a forma de um meio para produzir acordos motivados racionalmente.

Como discutido neste ensaio, a transformação do sagrado até a “identidade-eu” se dá pela racionalização comunicativa do mundo da vida. Esse processo, segundo interpretação do texto, dariam as pistas necessárias para entendermos a diferenciação dos componentes do mundo da vida que se separaram em: a cultura, a sociedade e a subjetividade que estavam conectadas pela consciência coletiva e, agora, são tratadas como visões de mundo.

Esse processo, segundo o nosso método interpretativo de paradigmas, está ligado às modificações na sociedade, por exemplo: (i) a repressão do sagrado por uma explicação de mundo apoiado em argumentos com um grau de especialização

cada vez maior; (ii) a separação da legalidade e moralidade que acompanham a universalização do direito e da moral; (iii) a difusão do individualismo que manifesta sua intenção de autonomia e de autorrealização.

A estrutura racional dessas tendências de diluição do sagrado na linguagem transparece no fato de que a continuidade das tradições, a existência de ordens legítimas e a continuidade das histórias de vida de pessoas singulares se tornem cada vez mais dependentes de perspectivas que “apontam para tomada de posições afirmativas ou negativas perante pretensões de validade criticáveis” (Habermas, 2012, v.2, p.197).

A TAC propõe uma construção da identidade ampliada. Além dos critérios morais, temos a felicidade e o bem viver, apresentando-se um mundo diferente daquele pensado por Kant, rígido, formal e categórico. O sucesso de uma vida não se avalia, somente, por medidas de correções normativas. A passagem do sagrado para a comunicação contempla o indivíduo e a vida em sociedade, onde há a conexão das três esferas do mundo da vida: mundo social, mundo objetivo e mundo subjetivo. Esses mundos irão constituir a individualidade, a solidariedade e as interações dos sujeitos.

Para finalizar o ensaio, retoma-se o conceito de paradigma ancorado em autores críticos da filosofia da ciência (Kuhn, 1978; 1989; e Feysabend 2007; 2010), a partir da ideia de que a TAC absorve os paradigmas da interação linguística e do agir teleológico, buscando construir seu paradigma ancorado no agir comunicativo.

A virada habermasiana possibilitou incorporar Mead e Durkheim e fundamentar a solidariedade, os ritos, as normas e os símbolos. Principalmente, a interação mediada por gestos e símbolos possibilitou a intersubjetividade. A releitura da teoria da religião é um ponto importante desse ensaio, retomando o paradigma evolucionista e a raiz pré-linguística.

Em termos genéricos, pode-se afirmar que este ensaio apresentou aos leitores: uma interpretação original de Durkheim; o teor metodológico do agir comunicativo; a interface sagrada nas normas e a concepção dos consensos normativos. Para fins deste ensaio, portanto, a utopia de uma comunidade de comunicação ideal pode ser explicada por um agir com enfoque autocrítico. A identidade constituiria uma característica complexa que as pessoas podem adquirir com uma certa idade e que nem todas são obrigadas a tê-la, porém, quando a adquirem, os sujeitos “podem se

libertar da influência dos outros” (Habermas, 2012, v.2, p.185).

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o Sistema Totêmico na Austrália**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, E. **Da Divisão Social do Trabalho**. São Paulo, Edipro, 2016.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Unesp, 2007.

FEYERABEND, P. **Adeus à Razão**. São Paulo: Unesp, 2010.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**. Vol 1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo, Martins Fontes, 2012a.

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**. Vol 2. Sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo, Martins Fontes, 2012b.

HADDAD, F. Dialética Positiva: De Mead A Habermas. **Lua Nova**, n.59, 2003, p.95-115.

KOHLBERG, L. **Moral stages and moralization: The cognitive-developmental approach** Frankfurt, 1976.

KOHLBERG, L. **The development of children’s orientations toward a moral order: sequence in the development of moral thought**. Frankfurt, 1963.

KUHN, T. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

KUHN, T. **A Tensão Essencial**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MEAD, G.H. **Mind, Self, and Society: From the Standpoint of a Social Behaviorist**, 1967.

NCHAFT, M.E. Habermas e Honneth, leitores de Mead. **Sociologias**, Porto Alegre, v.16, n.36, p.144-179, 2014.

SEARLE, J. **“A taxonomy of illocutionary Acts”**, Londres, 1979.

WITTGENSTEIN, W. **Observações filosóficas**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

* Artigo recebido em 08 de dezembro de 2020,
aprovado em 08 de março de 2021.